

ANNATODD

BEFORE

A HISTÓRIA DE HARDIN ANTES DE TESSA



Tradução

CAROLINA CAIRES COELHO

B I
B I
B I
B I

Copyright © 2015 by Anna Todd

Todos os direitos reservados.

Publicado em língua portuguesa por acordo com Gallery Books,
um selo da Simon and Schuster, Inc.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor
no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Before

CAPA Tamires Cordeiro/ Inspirada no design da capa do Grupo Planeta,
Espanha

IMAGEM DE CAPA Britt Erlanson/ Getty Images

IMAGEM DE MIOLO Departamento de Arte do Grupo Planeta, Espanha

PREPARAÇÃO Alexandre Boide

REVISÃO Renata Lopes Del Nero e Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Todd, Anna

Before : a história de Hardin antes de Tessa / Anna Todd ;
tradução Carolina Caires Coelho. — 1ª ed. — São Paulo : Pa-
ralela, 2015.

Título original: Before.

ISBN 978-85-8439-020-5

1. Ficção norte-americana I. Título.

16-00861

CDD-813.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813.5

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.editoraparelela.com.br

atendimentoaoaleitor@editoraparelela.com.br

Playlist de Hessa



“Never Say Never”, The Fray
“Demons”, Imagine Dragons
“Poison & Wine”, The Civil Wars
“I’m a Mess”, Ed Sheeran
“Robbers”, The 1975
“Change Your Ticket”, One Direction
“The Hills”, The Weeknd
“In My Veins”, Andrew Belle
“Endlessly”, The Cab
“Colors”, Halsey
“Beautiful Disaster”, Kelly Clarkson
“Let Her Go”, Passenger
“Say Something”, A Great Big World, ft. Christina Aguilera
“All You Ever”, Hunter Hayes
“Blood Bank”, Bon Iver
“Night Changes”, One Direction
“A Drop in the Ocean”, Ron Pope
“Heartbreak Warfare”, John Mayer
“Beautiful Disaster”, Jon McLaughlin
“Through the Dark”, One Direction
“Shiver”, Coldplay
“All I Want”, Kodakid
“Breathe Me”, Sia

PARTE UM
ANTES



Quando era pequeno, o menino costumava sonhar com o que seria quando crescesse.

Talvez policial ou professor. Vance, o amigo de sua mãe, trabalhava lendo livros, e isso parecia divertido. Mas o menino não sabia ao certo quais eram suas habilidades — não tinha nenhum talento. Não sabia cantar como Joss, a menina de sua sala, não sabia fazer contas de somar e subtrair como Angela, não conseguia falar na frente dos colegas, como o engraçado e falante Calvin. A única coisa que gostava de fazer era ler páginas e mais páginas de seus livros. Ficava à espera que Vance os trouxesse — um por semana, às vezes mais, às vezes menos. Vance desaparecia de tempos em tempos, e o menino ficava entediado, relendo as mesmas páginas amassadas de seus livros preferidos. Mas ele aprendeu a confiar que o homem gentil sempre voltaria com um livro na mão. O menino ficou mais alto, mais esperto, parecia crescer dois centímetros e ganhar um livro a cada duas semanas.

Com o tempo, seus pais foram mudando. O pai gritava cada vez mais, foi se tornando mais negligente, e a mãe se mostrava cada vez mais cansada, e seu choro preenchia a noite, cada vez mais alto. O cheiro de tabaco e de coisa pior começou a se impregnar nas paredes da casa apertada. Tão constante quanto a louça acumulada na pia era o cheiro de álcool no hálito do pai. Conforme os meses se passavam, às vezes ele se esquecia da aparência do próprio pai.

Vance aparecia com mais frequência, e ele mal notava quando o choro da mãe mudava à noite. Havia feito amizades nessa época. Bom, uma amizade. Quando o amigo se mudou, ele não se deu ao trabalho de arrumar outros. Achava que não precisava de amigo nenhum, não se importava de ficar sozinho.

Os homens que apareceram naquela noite abalaram profundamente o coração do menino. O que ele viu acontecer com sua mãe o tornou mais frio, e o afastamento de seu pai fez sua raiva crescer ainda mais. Logo depois, seu pai deixou de vez de cambalear pela casa pequena e imunda. Quando foi embora, o menino ficou aliviado. Não havia mais bebida, não havia mais móveis quebrados nem buracos

na parede. A única coisa que ele deixou foi um menino sem pai e uma sala de estar cheia de maços de cigarro pela metade.

O menino detestava o gosto que os cigarros deixavam, mas adorava o modo como a fumaça preenchia seus pulmões, roubando seu fôlego. Acabou fumando todos e comprando mais. Fez novos amigos, considerando que fosse possível chamar de amigos uma turma de rebeldes e delinquentes reunidos que causavam mais encrenca do que se podia imaginar. Começou a ficar fora de casa até tarde, e as mentirinhas e brincadeiras inofensivas que os meninos revoltados inventavam foram ficando mais pesadas, e todos sabiam que era errado — mais errado impossível —, mas achavam que estavam só se divertindo. Tinham esse direito, e não conseguiam ficar sem a adrenalina, sem a sensação de poder. A cada inocência roubada, eles sentiam suas veias pulsarem com mais arrogância, mais vontade e menos limites.

O menino ainda era o mais sensível deles, mas já tinha perdido o impulso que o fizera sonhar em se tornar bombeiro ou professor. A relação que vinha estabelecendo com as mulheres não era normal. Ele desejava tocá-las, mas se esquivava de qualquer tipo de elo emocional. Isso incluía também a sua mãe, para quem ele parou de dizer até mesmo um simples “eu te amo”. E quase não a via mais. Passava a maior parte do tempo na rua, e sua casa passou a significar apenas um lugar para onde os pacotes eram entregues de tempos em tempos, com um endereço do estado de Washington rabiscado embaixo do nome de Vance, o remetente.

Vance também o havia abandonado.

O menino chamava a atenção das garotas. Elas se agarravam a ele, com as unhas compridas marcando seus braços enquanto ele as enganava, beijava ou transava com elas. Depois do sexo, a maioria tentava abraçá-lo. Ele as afastava, sem beijos nem carinhos. Na maior parte do tempo, ia embora antes mesmo que elas recuperassem o fôlego. Ele passava os dias chapado, e as noites ainda mais. Ficava na viela atrás da loja de bebida ou na loja do pai de Mark, desperdiçando a vida. Arrombando lojas de bebidas, fazendo vídeos caseiros imperdoáveis, humilhando meninas ingênuas. Não conseguia mais sentir nenhum tipo de emoção além de arrogância e raiva.

Quando foi preso, sua mãe já estava esgotada. Não tinha mais dinheiro nem paciência para lidar com seu comportamento destrutivo. Seu pai havia recebido uma proposta para trabalhar em uma universidade dos Estados Unidos. Do estado de Washington, mais exatamente. O mesmo lugar em que Vance morava, a mesma cidade, até. O mocinho e o vilão juntos no mesmo lugar de novo.

Sua mãe achava que ele não estava ouvindo quando conversou com seu pai sobre mandá-lo para lá. Pelo jeito, o velho tinha dado um tempo na bebida, mas o menino não sabia se podia confiar nisso. Nunca saberia. Seu pai também estava namorando uma mulher bacana que o menino invejava. Ela ficou com a parte boa dele. Compartilhava com ele refeições sem bebidas alcoólicas e palavras gentis, coisas que o menino nunca teve.

Quando chegou à faculdade, mudou-se para uma república, para irritar seu pai. Mas, apesar de não gostar da casa, ao levar as caixas para o quarto grande que ocuparia, ele sentiu um pouco de alívio. Era duas vezes maior do que o quarto que ele tinha em Hampstead. Não havia buracos na parede, nem insetos subindo pelo cano do banheiro. Finalmente, ele teria um lugar para colocar todos os seus livros.

A princípio, ele se manteve retraído, não quis fazer amigos. Seu grupo se formou lentamente e, com isso, o comportamento destrutivo de antes voltou.

Quando conheceu um cara que era quase uma versão americana de Mark, começou a acreditar que a vida seria sempre daquele jeito. Começou a aceitar que sempre ficaria sozinho. Ele era bom em magoar pessoas, em arrumar encrenca. Magoou outra garota, como a anterior, e sentiu a mesma tempestade percorrer seu corpo, tentando destruir sua vida com uma energia poderosa. Começou a beber como seu pai, passou a ser um hipócrita do pior tipo.

Mas não dava a mínima para isso; era apático e tinha amigos que o ajudavam a ignorar o fato de que não havia nada verdadeiro em sua vida.

Nada tinha importância.

Natalie



Quando ele conheceu a garota de olhos azuis e cabelos escuros, percebeu que ela representava um novo desafio para ele em diversos sentidos. Ela era meiga, a alma mais gentil que já tinha conhecido até então... e estava apaixonada por ele.

Ele arrancou a menina ingênua de seu mundo limpinho e cheiroso, e a arrastou para dentro de um lixão, largando-a num mundo escuro e cruel, totalmente desconhecido para ela. A maldade dele a isolou, fez com que se afastasse primeiro da igreja, depois da própria família. As fofocas eram implacáveis, as mulheres a julgavam sem parar com suas bíblias nas mãos. Com a família, não foi diferente. Ela ficou sem ninguém, e cometeu o erro de confiar demais nele.

Para a mãe do menino, foi a gota d'água. Ele foi mandado para os Estados Unidos, para o estado de Washington, para ficar com seu suposto pai. Por ter tratado Natalie como tratou, ele foi exilado de Londres, sua cidade natal. A solidão que sempre sentiu finalmente passou a ser real.

A igreja está lotada hoje, fileiras e mais fileiras de pessoas, todas reunidas para o culto em uma tarde quente de julho. Toda semana, eram quase sempre as mesmas pessoas, que conheço por nome e sobrenome.

Minha família vive como se fosse da realeza aqui em uma das menores casas de Jesus.

Minha irmã mais nova, Cecily, está sentada ao meu lado na primeira fileira, cutucando o banco de madeira lascado com as mãozinhas. Nossa igreja acabou de receber uma doação para uma reforma, e nosso grupo de jovens vem ajudando a organizar as coisas doadas pela comunidade. Nesta semana, nossa tarefa é conseguir tinta com os comerciantes da região e pintar os bancos na próxima semana. Nos fins de tarde, eu percorri as lojas de materiais de construção uma a uma, pedindo colaborações.

Como se para mostrar que a tarefa era mesmo necessária, ouço um estalo baixinho e, quando olho, vejo que Cecily arrancou um pedaço pequeno de madeira de seu assento. Suas unhas estão pintadas de cor-de-rosa para combinar com o laço de seus cabelos castanhos, mas, puxa, ela sabe como destruir as coisas.

“Cecily, vamos ter que consertar isso na semana que vem. Por favor, para.” Seguro suas mãozinhas com as minhas, e ela faz um bico. “Você pode ajudar a pintar e deixar tudo bonito de novo. Legal, não?” Sorrio para ela. Ela sorri olhando para mim, um sorriso lindo com alguns dentes faltando, e balança a cabeça. Os cachinhos balançam todos juntos, deixando minha mãe orgulhosa de seu trabalho com o babylliss hoje cedo.

O pastor está quase terminando o sermão, e meus pais estão de mãos dadas, olhando para a parte frontal da nossa pequena igreja. O suor se acumula na minha nuca, escorrendo em gotas pesadas pelas minhas costas enquanto palavras sobre pecado e sofrimento tomam conta dos meus pensamentos. Está muito quente aqui dentro, e a maquiagem da minha mãe começou a brilhar em seu pescoço e a espalhar manchas pretas ao redor de seus olhos. Deve ser a última semana que sofremos sem ar-condicionado. É melhor que seja; pode ser que até eu finja estar doente para evitar o calor daqui se não for.

No fim do culto, minha mãe fica de pé para conversar com a esposa do pastor. Minha mãe admira muito aquela mulher — um pouco demais, na minha opinião. Pauline, a primeira-dama da igreja, é uma mulher durona e quase incapaz de demonstrar empatia com os outros, então compreendo por que minha mãe se interessa por ela.

Aceno para Thomas, o único garoto da minha idade que faz parte do grupo de jovens. Ao passar, ele e sua família inteira, seguindo a fila de pessoas saindo da igreja, acenam para mim. Disposta a tomar um pouco de ar fresco, eu me levanto e passo as mãos no meu vestido azul-claro.

“Pode levar Cecily para o carro?”, pergunta meu pai, com um sorriso.

Ele vai tentar fazer minha mãe parar de falar, como em todo domingo. Ela é do tipo que continua falando sem parar mesmo depois de se despedir no mínimo três vezes.

Nesse sentido, eu não sou parecida com ela. Na verdade, prefiro ser como meu pai, cujas poucas palavras costumam ter muito significado. E

eu sei que meu pai adora ver que sou como ele em muitas coisas, desde o jeito calado de ser até os cabelos escuros e olhos azuis, os traços mais óbvios, e também na altura. Ou melhor, na falta de altura. Nós dois medimos menos de um metro e sessenta e cinco, apesar de ele ser um pouco mais alto. Cecily vai ser mais alta do que nós dois aos dez anos de idade, minha mãe sempre diz para nos provocar.

Balanço a cabeça para meu pai e seguro a mão de minha irmã. Ela anda mais depressa do que eu, e a animação da idade faz com que passe correndo pelo que sobra da pequena multidão. Sinto vontade de segurá-la, mas ela dá as costas para mim com um sorriso no rosto, e não consigo fazer nada além de correr atrás. Saímos em disparada, descendo as escadas em direção ao gramado. Cecily desvia de um casal de idosos, e eu dou risada quando ela grita e quase derruba Tyler Kenton, o garoto mais malcriado da nossa igreja. O sol está forte, e o ar úmido enche meus pulmões enquanto corro cada vez mais, perseguindo-a até ela cair na grama. Fico de joelhos para examiná-la. Eu me inclino e afasto os cabelos do rosto dela. Lágrimas grandes ameaçam escorrer de seus olhos, e seu lábio inferior treme bastante.

“Meu vestido...” Ela passa as mãozinhas no vestido branco, concentrando o olhar nas manchas deixadas pela grama no tecido. “Está destruído!” Ela esconde o rosto sob as mãos sujas, e eu as seguro, puxando-as para o colo dela.

Abro um sorriso e digo delicadamente: “Não está destruído. É só lavar, querida.”

Passo o polegar pela lágrima que tenta escorrer pelo seu rosto. Ela funga, não parece disposta a acreditar em mim.

“Acontece o tempo todo; aconteceu comigo pelo menos trinta vezes”, eu garanto, apesar de ser mentira.

Os cantos de sua boca se contorcem para cima, mas ela se esforça para conter o sorriso. “Aconteceu nada.” Ela repreende a minha mentira. Eu a abraço e a puxo para que fique de pé. Aproveito para examinar seus bracinhos para ter certeza de que não deixei de ver nada. Tudo normal. Eu continuo abraçando-a enquanto atravessamos o pátio da igreja até o estacionamento. Meus pais estão indo até nós daquela direção, já que meu pai finalmente conseguiu fazer minha mãe parar de fofocar.